

TROVOADA

Bárbara Poli Uliano Shinkawa¹

A Sérgio Paulo Adolfo

Os atabaques cessaram
ao ouvir
o grito estridente de Xangô
Cauô Cabieci!
Saudavam apressados os súditos,
“Faltou o ebô?”
“Não se cumpriram as oferendas de quarta?”
Alarmados se questionavam

O rei de Oiô não cessou.
A trovoada era estridente,
Iansã saiu em auxílio
E o grito mais forte ecoou
Eparrei!

Xangô grita de dor
e revolta;
O filho dileto;
Açoitado;
De açoite de morte;
De injustiça.
Cessem os atabaques
O rei sofre.

¹ Professora do Instituto Federal do Paraná – Campus Paranavaí. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

Como agradar ao rei?
O evemérico rei é justiça;
E a injustiça solta roubando
os doces da vida dos filhos reais.

A vida estrangulada pela morte
faz Xangô, rei da justiça
chorar de dor a partida
do filho humilhado.

O céu perdeu a luz.
As cores da natureza se recolheram.
Os doces perderam a doçura,
só azedume, amargura...
As flores, a fragrância não tem mais,
só o cheiro da morte maldita
e a cor?
Que cor poderia ter a dor?

A dor de se arrancar do filho a terra;
De puxar a alma;
De abandonar filhos;
Do açoite rasgando o ar e a pele;
De arrancar o coração...
Que cor poderia ter a dor?

O vermelho que também é de Xangô
é de amor, mas hoje é de dor.
Como apaziguar o coração, rei?
“Faça-se justiça!”
O filho não voltará,
os doces não distribuirá,

as flores tão pouco.

Descanse Tata

Haverá outros filhos onde está.

Esteja em uma sombra frondosa
a conversar e a ensinar
sobre a magia
da vida e das coisas...
e filhos certamente com fome
de sabedoria
ouvirão suas poesias
sobre homens e divindades.

Xangô vê o filho feliz em novo lugar,
amenizou o coração.

Cauô Cabieci!

O céu vai se abrindo
com certo ar poético.
Tata, conte-nos mais!

E histórias vão novamente povoando a terra.